

AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A APROPRIAÇÃO DE CONHECIMENTOS: CONSIDERAÇÕES SOBRE “SER GORDINHO”

Flávia Martinelli Ferreira¹
Jocimar Daolio²

PALAVRAS-CHAVE: Diferenças; Corpo; Educação Física escolar; Antropologia

INTRODUÇÃO

Este estudo é composto de questões que serão apresentadas para discutir sobre o surgimento de diferentes significados relacionados ao “ser gordinho” nas aulas de educação física. Os resultados aqui apresentados são frutos de um estudo de cunho etnográfico no decorrer de dois bimestres letivos que buscou compreender como se dá a apropriação de conhecimentos de uma turma de quarto ano do ensino fundamental da Prefeitura de Jundiaí – SP nas aulas de educação física. Com este trabalho, temos o objetivo de destacar como as diferenças e seus significados são estabelecidos e influenciam na apropriação dos saberes específicos durante as aulas de educação física, ilustradas com as questões que serão apresentadas sobre “ser gordinho”.

O objetivo central é esclarecer e apresentar questões que decorrem da apropriação de saberes nas aulas de educação física. Os saberes de que trata a educação física, neste sentido, possuem um duplo caráter: ser um saber fazer, realizado com o corpo e ser um saber sobre esse realizar corporal (BETTI, 1994; BRACHT, 1996). Situadas em um contexto particular, tornar as complexidades observadas inteligíveis não significa generalizar de forma descuidada a realidade apreendida (LÉVI-STRAUSS, 1989). Significa, em outro sentido, vislumbrar algumas possibilidades para as aulas de educação física.

METODOLOGIA

Os caminhos tomados durante a pesquisa, em busca de uma “descrição densa”, como proposto por Geertz (2011, p.7), revelam o intuito de que estas descrições e suas interpretações sejam capazes de assinalar alguns significados envolvidos nas ações das crianças. Para formular princípios e sugerir diferentes explicações, a organização da vida social das crianças foi decifrada em símbolos e representações, delineando neste sentido uma descrição mais densa.

A Prefeitura de Jundiaí – SP serviu de cenário para a pesquisa de campo desenvolvida ao longo de dois bimestres letivos. Inicialmente foram estabelecidos alguns critérios de seleção das escolas da rede municipal, como o acesso à escola, turmas de quarto ano do ensino fundamental e as aulas ministradas por professores efetivos da rede.

A turma em questão era formada por vinte e seis alunos, oito meninos e dezoito meninas, entre nove e oito anos de idade. O professor de educação física é formado por uma instituição da cidade, é efetivo na Prefeitura de Jundiaí desde 2011 e professor desta mesma escola desde 2013. As ilustrações de diferentes momentos que aconteceram durante as aulas tomadas na discussão a seguir são um recorte não cronológico de observações realizadas durante a pesquisa de campo.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Consideramos o caráter vivencial como indispensável na apropriação de conhecimentos durante as aulas de educação física. Para Betti (1994, p.42, grifo do autor), o saber corporal “[...] não pode ser alcançado pelo puro pensamento; é um saber *orgânico*, só possível com as atividades corporais, não é um saber que se esgota num discurso sobre o corpo/movimento”.

As discussões sobre o peso corporal dos alunos e as capacidades físicas que desempenhavam nas aulas eram frequentes enquanto aconteceram principalmente as aulas de ginástica. O que eles consideravam ser um corpo pesado parecia determinante para o sucesso ou fracasso dos alunos na experimentação deste saber corporal. Diferentes lugares ocupados nas atividades de ginástica acrobática também eram antecipadamente definidos de acordo com esta categoria de peso corporal.

Os alunos considerados “*mais leves*” vivenciavam a atividade como volantes, os últimos a subir nas pirâmides acrobáticas. Já os alunos “*mais fortes*” e “*mais pesados*” eram encontrados nas bases que sustentavam as pirâmides. Outros alunos eram requisitados como intermediários para auxiliar na formação e ocupavam os lugares de volantes ou bases – dependendo de seu peso – em outras oportunidades. Com o intuito de facilitar a construção das pirâmides acrobáticas, o professor sugeriu que os alunos “*mais fortes e pesados*” ficassem nas bases destas pirâmides para dar sustentação aos que estariam em cima.

No entanto, um dos alunos reivindicava que somente “*Os pesados querem carregar e os mais leves não podem*”. Deste modo, estava propondo uma substituição no papel desempenhado por ele. Conseguiu apenas mudar de grupo, onde desta vez ele era considerado mais pesado que os demais; no entanto, a lógica dos lugares ocupados nas atividades de ginástica acrobática não foi alterada. As experimentações nas aulas de educação física, neste sentido, além de favorecer maiores sucessos na execução dos movimentos devem permitir aos alunos vivências distintas, sem que seus papéis fossem definidos por seu peso corporal.

“*Ser gordinho*”, nas aulas de educação física daquela turma, além de uma constatação física, poderia também ser considerada uma construção sociocultural que era estabelecida nas relações sociais entre os pares no cotidiano das aulas. As reivindicações daquele aluno, de início, pareciam estranhas porque aos meus olhos ele era “*mais pesado*” do que outros alunos da turma. Pouco a pouco as relações que os alunos estabeleciam demonstraram que a categoria de peso corporal estava relacionada também com estas relações sociais estabelecidas pelos alunos em aula: era mais pesado quem conseguia garantir primeiro o lugar nas bases.

Outros três alunos tinham uma relação tensa e estavam em constante atrito durante as aulas. Em conjunto, dois deles diziam que o outro colega era gordo e, quando este reclamava para o professor, seus colegas argumentavam que também eram gordos e ainda assim conseguiam realizar as atividades.

Com palavras de incentivo e provocações, percebi novamente que a diferença entre os três alunos não era somente física: todos eles se consideravam “*gordinhos*”. Estar nesta condição e conseguir realizar as atividades propostas conferia somente a dois alunos certo poder em relação ao outro, que demonstrava mais dificuldade e aprendia de forma mais lenta. Ser bem sucedido nas aulas de educação física e conseguir realizar as atividades propostas era o suficiente para que saíssem desta condição de “*gordinhos*” estabelecida por seu peso corporal em relação a outros colegas e desempenhassem outro papel.

Sempre que os conflitos aconteciam, o professor costumava acabar com a briga e conversar com os alunos. Em uma das conversas o professor perguntou: “*Eles são magros? Não, então não liga pra eles*”. No entanto, o argumento do professor que parecia igualar as condições entre os meninos não era suficiente porque desconsiderava que, mesmo “*gordinhos*” e supostamente iguais, as relações sociais estabelecidas entre os três alunos sustentavam suas diferenças e geravam conflitos. Os processos de produção destas diferenças sobre “*ser gordinho*” devem, portanto, ser explicados de modo mais consistente aos alunos e incorporados durante as aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Silva (2009), as diferenças estabelecidas entre seres humanos são relações sociais. Se é possível encontrarmos diferenciações, estas também estão presentes nas relações sociais que são formadas. Esta marcação da diferença gera inclusões e exclusões capazes de distinguir o que fica dentro ou fora; do mesmo modo, as classificações hierarquizam grupo e atribuem diferentes valores aos seus membros. Para o autor, sempre prevalecem as formas de classificar estruturadas em oposições binárias ou classes polarizadas.

Considerando as observações relatadas, elaboramos algumas reflexões acerca do tema que contribuem sobremaneira para as aulas de educação física. Defendemos que mediação pedagógica deve acontecer com o intuito de facilitar vivências que descaracterizem os lugares ocupados pelos alunos durante as aulas, além de oportunizar discussões capazes de relativizar as marcas produzidas no corpo dentro e fora da escola. De tal modo, não basta que os alunos ocupem lugares pré-determinados nas aulas, é necessário saber porque ocupam estes lugares e incentivar novas possibilidades.

REFERÊNCIAS

- BETTI, Mauro. O que a semiótica inspira ao ensino da educação física. **Discorpo** – Revista do Departamento de Educação Física e Esportes da PUC-SP, São Paulo, n. 3, p. 25-45, Outubro, 1994.
- BRACHT, Valter. Educação física no 1º grau: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, supl. 2, p. 23-28, 1996.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Campinas, SP: Papirus, 1989.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1ª.ed. 323p. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- SILVA, Tomaz T. (2009). A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz T. (org). **Identidade e Diferença** – A perspectiva dos Estudos Culturais. 9.ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

FONTE DE FINANCIAMENTO

Bolsa CAPES de Mestrado entre Março de 2014 e Março de 2015.

¹ Mestranda na Faculdade de Educação Física da UNICAMP e Professora da Prefeitura de Jundiaí. flaviamartinelli@uol.com.br

² Professor titular da Faculdade de Educação Física da UNICAMP